

WILLIAM OF NEWBURGH

OS  
MORTOS-VIVOS



FREE BOOKS

FREE BOOKS

**WILLIAM OF NEWBURGH**

**OS  
MORTOS-VIVOS**

**Tradução de Paulo Soriano**

**Free Books  
2023**

# CRÉDITOS

Título: Os Mortos-vivos.

Autor: William of Newburgh (c. 1136? –  
1198?).

Tradutor: Paulo Soriano, a partir da  
tradução inglesa de Joseph Stevenson  
(1806 – 1895).

Ilustração da capa e do miolo:  
GrumpyBeere.

Editora: Free Books Editora Virtual.

Ano de Publicação: 2023.

© da tradução: Paulo Soriano, 2023.

# SUMÁRIO

CRÉDITOS .....	2
APRESENTAÇÃO .....	4
O CADÁVER DEAMBULANTE DE BUCKINGHAM .....	6
O MORTO-VIVO DE BERWICK.....	12
O CADÁVER REDIVIVO DE MELROSE..	16
O VAMPIRO DE ANANTIS.....	24

## APRESENTAÇÃO

**E**mbora sobremodo presente na Europa Oriental, a tradição alusiva a terríveis entidades sobrenaturais, extremamente malignas, que escapavam dos túmulos para atormentar os vivos e causar-lhes toda sorte de malefícios — como sugar-lhes o sangue e propagar-lhes letais epidemias —, era conhecida na Inglaterra em tempos medievos.

Prova-o o culto historiador e frade agostiniano inglês **William of Newburgh** (1136? – 1198?) que, em sua obra *Historia Rerum Anglicarum* (“História de Assuntos Ingleses”), dedicou três capítulos a histórias — que reputava verdadeiras —

protagonizadas por horripilantes mortos-vivos (*revenants*).

Na presente coletânea, apresentamos quatro breves narrativas de cadáveres que, por arte do Demônio, tinham a potência “de sair de seus sepulcros e vagar pelo mundo para o terror ou destruição dos vivos e, depois, regressar aos túmulos, que espontaneamente se abriam para novamente recebê-los”.

## O CADÁVER DEAMBULANTE DE BUCKINGHAM

Nestes dias, um evento maravilhoso aconteceu no condado de Buckingham, que eu, em primeira instância, ouvi parcialmente de certos amigos, e depois fui mais detalhadamente informado por Stephen, o venerável arqui-diácono daquela província.

Um certo homem morreu e, de acordo com o costume, pelo honroso esforço de sua esposa e parentela, foi sepultado na véspera da Ascensão do Senhor.

Na noite seguinte, porém, tendo subido ao leito onde repousava sua esposa, não só a aterrorizou ao

acordá-la, mas quase a esmagou com o peso insuportável de seu corpo.

Tendo voltado na noite subsequente, o cadáver voltou a afligir, da mesma maneira, a atônita mulher que, assustada com o perigo, à medida que se aproximava a peleja da terceira noite, cuidou de permanecer acordada e cercar-se de companheiros vigilantes.

Mesmo assim, ele veio. Mas, sendo repellido pelos gritos dos presentes, e vendo que fora impedido de operar os seus malefícios, o cadáver partiu.

Uma vez enxotado pela esposa, passou a perseguir, com semelhantes expedientes, seus próprios irmãos, que moravam na mesma rua. Estes, porém, seguindo o cauteloso exemplo da mulher, passaram as



noites acordados com seus companheiros, prontos para enfrentar e repelir o esperado perigo.

O cadáver apareceu, no entanto, como se tivesse a esperança de surpreendê-los, subjugados pela sonolência. Como, todavia, restou repellido pela cautela e coragem dos vigilantes, o cadáver causou tumulto entre os animais, tanto dentro como fora de casa, como sua selvageria e movimentos incomuns testemunhavam.

Tendo, assim, se tornado sério inconveniente para seus amigos e vizinhos, impôs a todos a mesma necessidade de vigilância noturna. Naquela mesma rua, uma vigília geral era mantida em cada casa, cada uma temendo sua súbita aproximação.

Depois de assim provocar, por uns tempos, sozinho, semelhantes tumultos, ele começou a vaguar, ao ar livre, à luz do dia, o que, de fato, parecia formidável para todos, embora só fosse visível a apenas algumas pessoas. Com efeito, muitas vezes, ao deparar-se com várias pessoas, ele aparecia apenas para uma ou duas, embora, ao mesmo tempo, sua presença fosse notada pelos demais.

Por fim, os habitantes, alarmados além da conta, julgaram conveniente buscar o conselho da Igreja. Assim, em plangentes lamentos, detalharam todo o caso ao arqui-diácono acima mencionado, em uma reunião do clero que ele solenemente presidia. Imediatamente, aquele clérigo relatou, por escrito, todas as circunstâncias do caso ao venerável

bispo de Lincoln, que então residia em Londres, cujo apropriado parecer sobre um assunto tão pouco esclarecido deveria ser aguardado. Mas o bispo, espantado com o teor daquele relatório, realizou uma investigação minuciosa com seus companheiros.

Alguns testemunhos diziam que tais coisas aconteciam amiúde na Inglaterra, e citavam outros frequentes exemplos, para evidenciar que a tranquilidade não poderia ser restaurada ao povo até que o corpo daquele homem miserável fosse desenterrado e queimado.

Este procedimento, no entanto, pareceu indecente e impróprio, em último grau, ao reverendo bispo que, logo depois, dirigiu uma carta de absolvição, escrita de próprio punho, ao arqui-diácono, a fim de que pudesse ser demonstrado, por meio de

inspeção, em que estado o corpo daquele homem realmente se encontrava. Ordenou, assim, que seu túmulo fosse aberto e que, uma vez colocada a carta sobre o peito, fosse novamente fechado.

Aberto o sepulcro, encontraram o cadáver como lá havia sido encerrado. Depois, a carta de absolvição foi depositada sobre seu peito e o sepulcro novamente fechado. Desde então, o cadáver nunca mais foi visto vagando, nem lhe foi permitido infligir aborrecimento ou terror a quem quer que seja.

## O MORTO-VIVO DE BERWICK

**T**ambém sabemos que outro evento, não muito diferente do que narramos, e igualmente extraordinário, aconteceu mais ou menos na mesma época, na região setentrional da Inglaterra.

Na foz do rio Tweed, sob a jurisdição do rei da Escócia, existe uma nobre cidade chamada Berwick. Nessa cidade, um certo homem, muito rico (mas, como que se veio a saber depois, um grande tratante), havia sido enterrado. Mas, à noite, foi retirado de seu túmulo (em virtude de estratagem, como se crê, de Satanás) e passou a vagar de cá para lá, perseguido por uma matilha de

cães que ladrava ruidosamente — despertando, assim, grande terror nos vizinhos —, e regressando ao seu túmulo antes do fim do dia.

Porque essa assombração continuava a se repetir por vários dias, e ninguém ousava pôr os pés fora de casa depois do anoitecer — eis que cada um temia um encontro com este monstro mortal —, as classes alta e média do povo realizaram uma necessária investigação sobre o que deveriam fazer. O povo mais simples temia negligenciar os cuidados e submeter-se a um severo espancamento por arte deste prodígio da sepultura. Mas a conclusão mais sábia era a de que, acaso se demorassem em adotar as providências para remediar aquele mal, o ar infectado e corrompido pelo constante vai-e-vem do cadáver pestilento traria en-

fermidade e morte em grande escala, o que evidenciava a necessidade de reagir ao malefício, conforme o demonstravam exemplos frequentes de casos semelhantes.

Assim, eles arregimentaram dez jovens, famosos por sua bravura, para desenterrar a horrível carcaça, e, tendo-a cortado membro a membro, reduzi-la a alimento e combustível para as chamas.

Assim foi feito e o alvoroço cessou.

Além disso, afirma-se que o monstro, enquanto sustentado (como se diz) por Satanás, havia dito a algumas pessoas, com as quais por acaso se encontrara, que, enquanto o seu cadáver não fosse queimado, o povo não encontraria paz; mas, em sendo destruído pelo fogo, a tranqui-

lidade ser-lhes-ia restituída. Mas a peste, que surgiu em consequência do cadáver deambulante, levou a maior parte daquelas testemunhas, já que a epidemia se instalara com um furor tal nunca visto noutros lugares, apesar de, nessa altura, grasar em todas as fronteiras da Inglaterra, como será explicado, mais detalhadamente, no seu devido lugar.



## O CADÁVER REDIVIVO DE MELROSE

Não seria fácil acreditar que os cadáveres têm a virtude (não sei por que meio) de sair de seus sepulcros e vagar pelo mundo para o terror ou destruição dos vivos e, depois, regressar ao túmulo, que espontaneamente se abre para novamente recebê-los, não fossem os exemplos frequentes, ocorridos em nossos dias, para estabelecer este fato, de cuja verdade há abundantes testemunhos.

Seria de se estranhar que tais prodígios tenham acontecido no passado, uma vez que não podemos encontrar nenhuma evidência de semelhante fenômeno nos trabalhos de

autores antigos, em cuja vasta obra havia o compromisso de relatar toda ocorrência digna de memória; pois, se eles nunca negligenciaram o mister de registrar até mesmo eventos de moderado interesse, como poderiam ter omitido um fato ao mesmo tempo tão surpreendente e hediondo, supondo que tivesse acontecido em sua época?

Além disso, se eu escrevesse todos os exemplos de fatos como este, acontecidos, como verifiquei, em nossos tempos, a tarefa seria extremamente laboriosa e incômoda. E então, de bom grado, acrescentarei mais dois casos (estes de recente ocorrência recente) aos que já narrei, e os inserirei em nossa história, já que me é oferecida a ocasião de registrá-los como uma advertência à posteridade.

Há alguns anos, o capelão de uma certa dama ilustre, rejeitando a mortalidade, foi entregue à sepultura naquele nobre mosteiro chamado Melrose.

Este homem, tendo pouco respeito pela ordem sagrada a que pertencia, era excessivamente mundano em suas atividades e — o que enodoa a sua reputação como ministro do Sagrado Sacramento — tão viciado na leviandade da caça a ponto de ser designado por muitos pelo título infame de "Hundeprest", ou, seja, o cão-padre. E esta atividade, durante sua vida, foi ridicularizada pelos homens, ou considerada numa visão mundana. Mas, depois de sua morte — como o demonstrou o sucedido —, a culpa envolvida em sua conduta foi trazida à luz: saindo da sepultura durante a noite, ele foi im-

pedido, pela resistência meritória dos religiosos internos, de ferir ou aterrorizar alguém dentro do próprio convento. Então vagou além dos muros do monastério e, emitindo altos gemidos e murmúrios horríveis, pairou ao redor do quarto de sua antiga amante.

Tornando-se frequentes semelhantes acontecimentos, a mulher, extremamente apavorada, revelou seus temores, além dos perigos por que passava, a um dos frades que a visitavam para tratar dos negócios do convento. E suplicou, às lágrimas, em seu favor, por orações mais fervorosas do que as que eram costumadamente elevadas a Deus, como as que são proferidas em benefício de um moribundo. Porque a senhora parecia merecedora dos seus esforços, porquanto contribuía fre-

quentemente com doações ao mosteiro, o piedoso padre enterneceu-se de sua aflição, e lhe prometeu um rápido lenitivo por meio da misericórdia da Divina Providência, que a todos socorre.

A seguir, regressando ao mosteiro, fez-se acompanhar por outro frade, de espírito igualmente determinado, e por dois outros jovens valentes, com os quais pretendia, com vigilância constante, zelar pelo cemitério onde estava sepultado aquele miserável sacerdote.

Assim, munidos de armas e animados de coragem, os quatro passaram a noite naquele local, fiados no apoio que cada um prestaria ao outro.

A meia-noite já havia passado, mas entidade monstruosa alguma

aparecera. Aconteceu, então, que três dos vigilantes, deixando sozinho no cemitério aquele que os havia procurado, partiram em direção à casa mais próxima, com o propósito, como eles declararam, de se aquecerem, pois a noite estava fria.

Assim que o homem foi deixado sozinho naquele ermo, o Diabo, imaginando que havia encontrado o momento certo para subjugar a sua coragem, despertou prontamente o seu escolhido, que aparentava estar repousando por mais tempo do que era habitual. Vendo aquilo de longe, o padre ficou rígido de terror, já que estava sozinho. Todavia, recuperando prontamente a sua coragem, e vendo que não havia onde se refugiar, valentemente resistiu ao ataque do demônio, que corria em sua direção, fazendo um barulho terrível.

Então o padre atingiu o monstro com o machado que empunhava, penetrando-lhe profundamente a lâmina no corpo.

Ao receber esta ferida, o monstro soltou um horrível gemido e, virando-se de costas, fugiu com uma rapidez nada inferior àquela com que havia avançado, enquanto o homem admirável o perseguia, e o compelia a procurar novamente a sua tumba.

O sepulcro abriu-se por conta própria e, recebendo o seu hóspede, livrando-o do avanço de seu perseguidor, imediatamente fechou-se com a mesma facilidade.

Nesse ínterim, aqueles que, impacientes com o frio da noite, haviam se retirado à companhia da lareira, correram ao cemitério, embora

tardiamente. E, ouvindo a narrativa do que havia acontecido, prestaram a necessária ajuda para desenterrar e retirar das entranhas do sepulcro, ao amanhecer, o cadáver amaldiçoado.

Quando eles despojaram o cadáver do barro que o cobria, encontraram a enorme ferida que aquele corpo havia recebido, e viram uma grande quantidade de sangue coagulado que escorrera da chaga para a sepultura.

E, assim, conduzindo o cadáver para além das paredes do mosteiro, queimaram-no e espalharam as cinzas ao vento.

Narrei singelamente esta história como eu mesmo a ouvi, contada por religiosos.



## O VAMPIRO DE ANANTIS

**U**m outro evento, não diferente do que narrei, mas mais pernicioso em seus efeitos, aconteceu no castelo que é chamado de Anantis.

A história eu a ouvi de um monge idoso, que vivia com honra e autoridade naquela região, e que relatou o acontecimento como tendo ocorrido em sua própria presença.

Um certo homem de má conduta, temente de seus inimigos ou da lei, fugiu da província de York e procurou refúgio junto ao senhor do mencionado castelo.

Lá instalado, procurou exercitar-se em coisas condizentes com seu caráter e trabalhou arduamente para

aumentar, em vez de corrigir, suas próprias propensões ao mal.

Casou-se com uma mulher que foi a causa de sua ruína, como mais tarde se constatou. Tendo ouvido certos rumores a respeito dela, o ciúme dominou-lhe o espírito. Ansioso por averiguar a veracidade daqueles relatos, disse à esposa que faria uma viagem, da qual não voltaria por alguns dias. Contudo, regressando à noite, foi secretamente introduzido em seu quarto por uma empregada, com quem compactuara. Assim, ocultou-se sobre uma viga suspensa no quarto de sua esposa, para que pudesse constatar, com seus próprios olhos, se algo atentaria contra a honra de seu leito conjugal.

Viu, em seguida, a sua esposa em pleno ato de fornicação com um jovem da vizinhança. Em sua indig-

nação, esquecido de onde estava, caiu pesadamente no chão, perto de onde os cúmplices estavam deitados.

O adúltero, dando um salto, escapou. Mas a esposa, dissimulando astutamente o fato, ocupou-se em erguer gentilmente o marido caído no assoalho.

Um tanto recuperado, pôs-se o marido a repreender a mulher pelo adultério, ameaçando-a de punição.

Ela, todavia, respondeu:

— Explica-te, meu senhor. Estás a falar de maneira incoerente, e isto não deve ser imputado a ti, senão à doença que te perturba.

Estando muito abalado com a queda, e com o corpo muito machucado, foi atacado por uma enfermidade, de modo que o mencionado padre, que me contou esta história, e

que, na ocasião, visitava o marido no piedoso cumprimento de seus deveres eclesiásticos, o admoestou a confessar os seus pecados e a receber a Eucaristia Cristã na forma adequada. Mas, como o marido estava ocupado em pensar sobre o que lhe havia acontecido e sobre o que sua esposa lhe havia dito, adiou o saudável conselho para o dia seguinte, justamente o que ele não veria, pois já estava fadado a abandonar este mundo! Durante a noite, desprovido da graça cristã, e vítima de seus merecidos infortúnios, ele compartilhou o sono profundo da morte.

O marido recebeu, de fato, um enterro cristão, embora dele não fosse digno. Mas as cerimônias cristãs não operaram em seu benefício, já que, por obra de Satanás, o cadáver abandonou o seu túmulo du-

rante a noite, e, perseguido por uma matilha de cães que soltavam latidos horríveis, vagou pelos pátios e ao redor das casas, enquanto todos os homens trancavam as suas portas. E ninguém se aventurava a sair da região, fosse qual fosse o compromisso a que estivesse obrigado, desde o início da noite até o amanhecer, por medo de deparar-se com o monstro andarilho e de ser terrivelmente espancado por ele. Mas essas precauções foram inúteis, pois a atmosfera, envenenada pelos caprichos dessa carcaça imunda, penetrando nas casas, enchia os lares de doenças, que traziam morte às pessoas, por conta do hálito pestilento que emanava do cadáver.

A cidade, que há pouco tempo era populosa, já parecia quase deserta, pois os habitantes, que escapa-

ram da destruição, migravam para outras partes do país, para não morrerem. O homem de cuja boca eu ouvi essas coisas, entristecido pela desolação de sua paróquia, convocou uma assembleia de homens sábios e religiosos naquele dia sagrado que é chamado de Domingo de Ramos, a fim de que eles pudessem ministrar saudáveis conselhos, úteis diante de tão grave dilema, e consolar, na medida do possível, com seus lenitivos, os espíritos da mísera população remanescente.

Tendo feito um discurso aos habitantes, após as cerimônias solenes do dia sagrado terem sido devidamente realizadas, ele convidou seus hóspedes clericais, juntamente com as outras pessoas de honra que estavam presentes, à sua mesa.

Entrementes, quanto o padre e seus convidados banquetevam, dois jovens irmãos, que haviam perdido o pai para aquela praga, encorajando-se mutuamente, diziam:

— Este monstro já destruiu nosso pai e, também, nos destruirá rapidamente, a menos que tomemos medidas para evitá-lo. Encetemos, portanto, alguma ação corajosa, que irá garantir a nossa própria segurança, e vingar a morte de nosso pai. Nada pode nos deter, pois na casa do padre dá-se um banquete, e toda a cidade está tão silencioso como se fosse um deserto. Vamos desenterrar essa praga funesta e exterminá-la no fogo.

Em seguida, agarrando uma pá de lâmina afiada, e apressando-se para o cemitério, começaram a cavar. Supunham que teriam que cavar

mais profundamente quando, de repente, antes que uma boa porção de terra tivesse sido removida, viram aflorar o cadáver, inchado a ponto de formar uma enorme corpulência, com seu semblante demasiadamente túrgido e sufocado de sangue. O sudário em que fora envolvido estava rasgado e reduzido a pedaços. Os jovens, no entanto, incitados pela cólera, não sentiram medo algum, e infligiram um ferimento na carcaça adormecida, da qual fluiu imediatamente uma torrente de sangue, chupado de inúmeras pessoas pelo sanguessuga. Então, arrastando-o para fora da aldeia, erigiram prestamente uma pira funerária. E, depois de um dos irmãos afirmar que o corpo pestilento não queimaria a menos que seu coração fosse arrancado, o outro abriu o peito do cadáver com repetidos golpes de pá. E, enfiando-lhe a



mão, arrancou o coração amaldiçoado.

O coração — rasgado em pedaços — e o corpo foram entregues às chamas.

Informados do que acontecia, os convidados acudiram ao lugar e se permitiram a testemunhar, daí por diante, as circunstâncias.

Quando aquele cão infernal tinha sido assim destruído, a pestilência, que prevalecia entre o povo, cessou, como se o ar, até então corrompido pelas contagiosas andanças do terrível cadáver, houvesse sido purificado pelo fogo que o consumiu.

